

PIM DA M PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ANO XV

LISBOA, 22 DE FEVEREIRO DE 1940

N.º 734

A RAINHA das ÁGUIAS



A rainha das águas tinha o seu ninho longe, muito longe, onde as montanhas de Morvège se reflectem no azul do céu. Era numa anfractuosidade de rocha abrupta e selvagem, entre raízes revestidas de pinheiros, onde torrentes rolavam as suas águas escumantes.

Quando ao romper da alva, adejando com as suas asas possantes pelas alturas vertiginosas, a rainha das águas esplava e procurava a sua presa, o seu olhar penetrante distingua até o arganaz dos prados, fugindo por entre as ervas.

O cabritinho, entrincheirando-se, fazendo equilibristas sobre a aresta dum rochedo, a procurar uma ascensão perigosa, e a lebre, que não tinha ainda começado a sua «tollette» matinal, e estava contemplando o horizonte onde a sua vista se elevava tão alto que os campanários das igrejas se perdiam sob os seus olhos...

Nos outros dias de caça, a rainha das águas atravessava centenas de léguas por cima de planaltos e charnecas cinzentas. Ela arrastava-se assim até ao tempestuoso mar de gelo.

Cada linha de montanhas indicava um reino, no qual reinava, rainha ou rei, a

sua progenitura, e desgraçado do intruso que ousasse arriscar-se sobre o terreno da caça!

Mais duma vez, a rainha das águas sustentara um combate contra um príncipe da sua família que desdenhara a sua autoridade; combate terrível em que as penas voavam e caíam como flores de neve mas duma nevesangrenta, até que um dos dois adversários caía quasi inanimado, no solo.

Havia sangue de águia sobre os rochedos das suas fronteiras!

Ora, uma manhã, após uma caça longínqua por cima de charnecas rochosas, a rainha das águas levava ao filho, nas suas garras, um rangifer recém-nascido.

Aproximando-se do ninho, bateu violentamente com as asas e fez ouvir um plo selvagem.

Os ramos que lhe serviram para construir o seu ninho, estavam quebrados. O ninho tinha sido roubado, devastado; e o seu filho, que já começava a voar, tinha sido levado!

E a águia, que não cessara de fazer ouvir os seus plos selvagens, elevou-se a uma grande altura na imensa solidão.

Súbitamente, dois caçadores, que desembocavam dum bosque, ouviram sobre a

sua cabeça um ruído confuso e um silvo.

Um deles levava às costas, num cesto de vime, uma águia captiva.

E enquanto os dois homens desclam o caminho escarpado que conduzia para as herdades do vale, a águia, voando sempre, não os deixava de olhar.

Através os rasgões das nuvens, os olhos perspicazes do gigantesco pássaro, descobriram que a chegada dos caçadores a um pátio duma herdade, pequenos e grandes se comprimiam à roda do cesto de vime.

A rainha das águas esteve ali, todo o dia, as asas estendidas e esvoaçando. Depois, à hora do crepúsculo, deixou-se cair sobre o telhado da casa, e na noite sombria, os habitantes da herdade ouviram à sua roda um plo rouco e estranho.

Ao nascer do dia, quando o sol apenas começava a atravessar as nuvens com as suas flechas de ouro, a rainha das águas voava continuamente, com os olhos sempre fixos no mesmo ponto.

Ela via, diante da porta, os filhos do



GUY
MANUEL
40

rendeiro a partir ripas de madeira a golpes de machado. Um círculo de crianças estavam vendo esse trabalho. Um pouco mais tarde, eles levaram uma galola para o pátio e, através as grades dessa galola, ela distinguiu nitidamente o seu filho, que estava à mercê delas, batendo as asas e esgrimindo com o bico, fazendo vãos esforços para se escapar. A galola foi atirada para o meio do pátio e ninguém apareceu mais.

O sol subia no calor matinal e por cima das nuvens, a rainha das águilas escorava-se com as suas grandes asas, observando atentamente todos os movimentos do seu filho que, com a cabeça inclinada, estendia o bico recurvo e siblava de raiva,

enquanto, com as garras, se agarrava desesperadamente às grades da sua prisão.

Passou o meio dia. Oculto, lá cima, entre as nuvens, o pássaro gigante repousava sobre as asas. O seu instinto estava desperto... Este silêncio, este pátio deserto, esta herdade adormecida, tudo lhe parecia equívoco e suspeito; mas quando descobriu uma armadilha, redobrou de atenção.

As sombras das casas, das árvores, dos recintos começaram a estender-se.

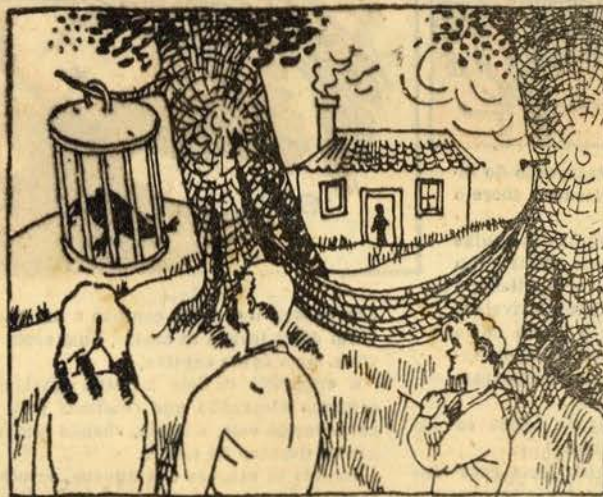
Durante todo o dia, esse belo dia de sol, a galola abandonada no pátio vazio, tinha atraído irresistivelmente, e como que chamando-a, a rainha das águilas; e os filhos do rendeiro, dissimulados a uma das jane-

las da casa, estavam aí postados, cada um por seu turno, de espingarda na mão, esperando que ela se encontrasse em bom alcance.

O filho da águila não cessara de bicar e de tentar meter, penosamente, entre os arames, a cabeça, o pescoço e as asas ora dum ora doutro lado da galola.

— Agora que o dia declinava, as crianças retomavam as suas brincadeiras. Daí a pouco, via-se divertirem-se alegremente sobre a relva. As pessoas que trabalhavam, também saíram de casa e retomaram as suas ocupações habituais.

Na noite clara e serena, a nora do rendeiro acabava de pôr o filhinho de mama sobre a rede, que tinham estendido ao sol



para branquear. Isto feito, ocupou-se da roupa que estava em barrelos, perto do poço. Subitamente, uma sombra, um relâmpago de sombra, passou no ar calmo. O silêncio foi cortado por um ruído particular, seguido dum forte bater de asas...

A jovem mulher voltou-se vivamente, presa por um funesto pressentimento. Um pássaro gigantesco apenas tocara ao de leve em terra, no seu voo rápido, e voltava para o céu. Ela levantou-se dum salto, sem mesmo largar a trouxa da roupa molhada e que, gelada de terror, ela conservava na mão. A rainha das águilas tinha

arrebatado o seu filhinho, que levava preso nas garras.

A mãe, durante alguns segundos, seguiu-a com um olhar fixo, hesitante ainda, sem compreender bem a desgraça que acabava de a ferir.

Então, louca de dor, com o coração torturado pela angústia, a jovem mãe teve uma inspiração. Precipitou-se para a galola, agarrou a águilazinha e, com gemidos e gritos, estendeu-a nas duas mãos, por cima da cabeça. Fazendo este gesto, ela não sentia as furiosas bicadas que o

pássaro lhe dava e que lhe ensanguentavam os braços e o rosto.

A rainha das águilas suspendeu por um instante o seu voo; a jovem mulher, que pestanejava a cada pancada das suas asas, pôde ver, entre as garras do grande pássaro, o seu filhinho embrulhado nos cueiros por onde ela o tinha seguro. Depois, pareceu-lhe que a águila baixava o voo...

Os dois instintos de mãe angustiada, tinham-se compreendido. O possante animal desceu suavemente, lentamente, até à relva. A jovem largou o filho da águila,



GUY
MANUEL

de novo retomou o vôo para subir no espaço, com as asas largamente abertas, o seu filho, também livre, alcançava, com uma elevação rápida e brusca, por cima das árvores, a extensão enorme do seu vasto domínio.

Trad. de Amélia Ferreira

deu alguns passos e caiu sem sentidos, junto do seu próprio filho são e salvo.

E, no momento em que o grande pássaro depositou a sua presa sobre a erva

NO REINO DOS BICHOS

(DESENHOS PARA COLORIR)



Orangotango

Nas florestas de Sumatra e Ásia, vive o orangotango, um primata corpulento. Domesticado, mostra inteligência, embora nunca chegue ao nível da do chimpanzé, que é o quadrumano mais semelhante ao homem.

O seu aspecto é extraordinário. É encarnicado, tem os membros superiores muito extensos em relação ao corpo e tem as bochechas castanhas. Sob os olhos existe um espaço azulado.

Observem a maneira como ele se apoia ao tronco, que deve ser colorido com lápis castanho.

Aves madrugadoras

A cotovia foi sempre considerada como a ave mais madrugadora. Parece, porém, que não tinha direito a semelhante reputação, segundo afirmou um observador estrangeiro que empregou grande parte do seu tempo e da sua paciência em estudar os costumes do mundo alado. No dizer desse especialista, o verdilhão é, de todas as aves aquela que acorda mais cedo, pondo-se a chilrear aí por volta da uma hora e meia da manhã.

A's duas e meia, a toutinegra principia a passear pelas ramarias e a codorniz acorda meia hora mais tarde. A's quatro horas começa-se a ouvir o metro, depois o tordo, o pintarrôxo e a carriça. E já o sol ilumina o horizonte quando o pardal e o abelharuco despertam.

Desta maneira fica a pobre cotovia posta a par dos canários e dos estorninhos.

A não ser que se tenha enganado o tal observador!

Calcula-se que em todo o mundo haverá 120.000 espécies de peixe se mais de 60.000 espécies de moluscos.

Também se sabe que um bacalhau, fêmea, põe por ano nove milhões de ovos, suficiente para tapar uma superfície de sete metros quadrados.

Um arrenque, cuja alimentação é feita quasi exclusivamente com crustáceos, pode encerrar no estômago 60.000 destes pequeninos animais.



**Lemur
espectro**

E bem espectro, não haja dúvida!

Calculiem os meus meninos o susto que teriam, quando, ao atravessarem a selva africana, vissem, sobre uma árvore, um bicharoco de tão severa aparência.

Fugiriam, certamente, a sete pés! E, então, aqueles olhos tão grandes e arremelgados...

Pois é um bicharoco bem inofensivo. Pertence à família têmur. Castanho-claro (1), o dorso negro e o alto da cabeça amarelo.

UMA NOVELA de AUGUSTO de SANTA-RITA

A VIDA do "ZÉ," PIMPÃO

(Continuado do número anterior)

A admiração de Jénita e de todos os convidados que rodeavam o pequeno aprendiz, crescia à medida que o Zézito Pimpão ia detalhando os pormenores mecânicos do pequeno automóvel, perfeitamente idêntico aos automóveis a sério. Causara um sucesso o engenho do pequentino. Fred Richard anunciou à assistência que ia tomar a seu cargo a educação do garoto, certo de que ele viria a ser um notável engenheiro e um elemento de grande utilidade ao desenvolvimento da casa Gora, que, num futuro breve, deixaria de ser apenas, como hoje, reparadora de automóveis, mas exclusivamente construtora.

Estabelecida uma boa mesada ao pequeno aprendiz, que tem agora já vinte anos, a vida d'este modificou-se inteiramente. A conselho do seu protector, o próprio Fred Richard, Zézito Pimpão abandonara a oficina para se poder entregar completamente ao estudo. A força de economias, conseguira melhorar as condições de vida da querida avó, já instalada com êle numa nova residência mais confortável, a poucos passos da Escola Politécnica, cujo segundo ano Zézito frequentava, agora, com grande aproveitamento.

A sua maior alegria era levar a avózinha a passeio no pequeno «Dodge», que Fred lhe oferecera no dia em que concluíra, com distinção, o curso dos Liceus, pelos arredores de Lisboa, aos domingos e dias feriados.

Com a sua capa e batina, era frequente vê-lo passar, ao lusco fusco das tardinhas de inverno, sobraçando livros de estudo, de volta da Escola, a caminho da aparatosa moradia do Comendador Richard, que o convidava a jantar, sentando-o à direita de Jénita.

A maneira distinta como êle se comportava à mesa, a expressão inteligente com que discutia com o pai de Jénita, o seu apuro físico e moral,

insinuavam-no, cada vez mais, no espírito de Fred e de sua filha, que era agora uma linda rapariga da mesma idade de Zézito. Tão linda era a Jénita que, ao sair com seu pai, atraía as atenções gerais em plena rua e, de quando em quando, um verdadeiro cortejo de admiradores a seguia.

Não era, pois, para estranhar que a natureza delicada e sensível do ex-aprendiz, se deixasse impressionar, também, pela graciosidade e formosura de Jénita, em cujo coração a imagem do Zézito estava já impressa como um objecto sensibilizado na película fotográfica duma câmara escura. Mas um



justificável pudor e um retraimento natural, dada a situação do ex-aprendiz como protegido do pai da Jénita, obstavam à expansão dum sentimento novo que ambos experimentavam em presença um do outro.

Fred Richard, que era bastante sagaz, começou a notar uma grande modificação no temperamento da filha, outrora sempre bem humorada e igual, agora excessivamente alegre em presença do Zézito e excessivamente triste na sua ausência.

Compreendendo o que se passava no coração da filha, esboçou um leve sorriso de satisfação, pois já, por diversas vezes, errando a passos lentos pelo corredor do seu palacete, de



mãos nos bolsos, como era costume, entregue aos seus pensamentos, se surpreendera a afagar o sonho de a ver casada com o seu protegido, já transformado em chefe, gerente e co-proprietário da Grande Oficina Construtora de Automóveis: — «Gora», o nome primitivo da firma.

Como levava em gôsto aquele projecto de casamento, Fred, de quando em quando, inventava motivos imprevisíveis, arranjava pretextos para os deixar a sós à mesa, encaminhando-se para o seu escritório, confiando na explosão natural d'esse inflamável amor.

Concluídos, os preparatórios na Escola Politécnica, chegara, finalmente, a véspera da partida de Zézito para a Universidade Técnica de Grenoble, em França, donde, ao fim de três anos, traria a sua carta de engenheiro. Por êste motivo, a ti'Ana avó nesse dia jantara também em casa de Fred Richard com êste, com o gerente das grandes oficinas, com Jénita e o querido neto, a quem, à sôbremesa, foram feitos, com champanhe, entusiásticos brindes e saúdes.

Mela hora decorrida, Fred entrava no seu amplo gabinete de trabalho, com o gerente, a-fim de trocarem impressões sobre a nova orientação que a «Gora Limitada» tomaria, por ocasião do regresso de Zézito já diplomado e, então, principal Director das oficinas.

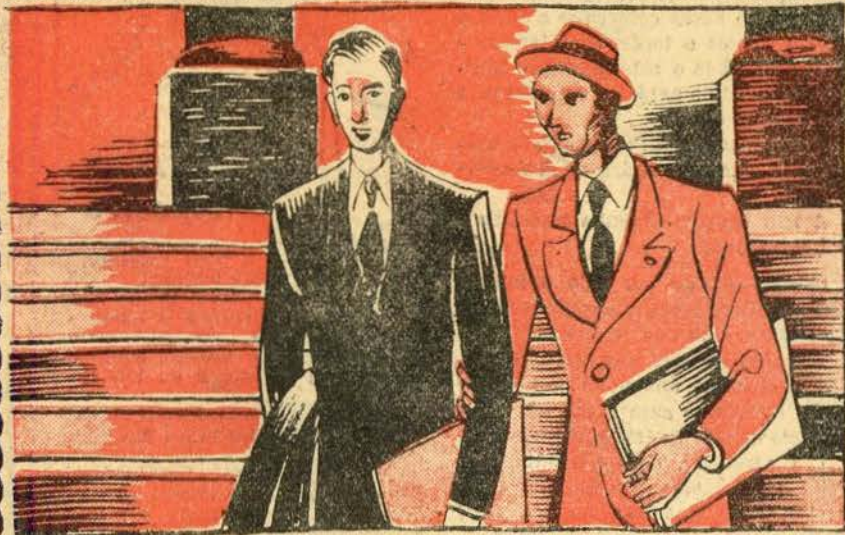
Zézito, Jénita e ti'Ana, conservavam-se à mesa conversando; ti'Ana já escabeçando com sono, Zézito e Jénita animadamente. De súbito, porém, um silêncio se fez. Os olhos de Zézito fixaram demoradamente os de Jénita que, corando, baixou os seus, perturbada.

— «Não é verdade, Jénita?» — perguntou, comovido, sem bem saber que dizia, o ex-aprendiz.

— «E' verdade, é verdade, José!» respondeu, sorrindo, com igual comoção, a Jénita, acrescentando: — «E' verdade mas diga, diga-me o que é verdade.»

— «Para quê, se já me compreendeu.»

— «Mas quero que mo pergunte!»



(Continua no próximo número)

O ZÉZINHO e o FRANCÊS

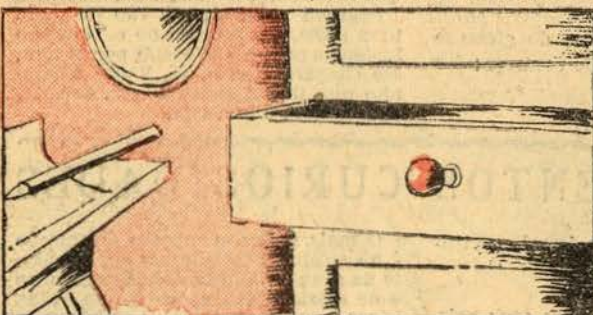
por FRANCISCO VENTURA

COLEÇÃO de HISTÓRIAS e EXEMPLOS
OUVIDOS e REPETIDOS por
ZINA CABRAL



Josézinho, que é valdoso,
Não deixa nunca perder
Um só momento em que possa
Mostrar todo o seu saber.

Ora, um dia, lá na Escola,
Ensinaram-lhe francês
E êle, com ar importante,
Esqueceu o português.



Tudo a que se referia,
Fôsse no quarto ou à mesa,
Já se sabia, era sempre
Na doce língua francesa.

Um lápis era «crayon»,
A gaveta «tirolr»,
Canivete era um «canif»
E um espelho um «miroir».



Uma vez, a sua mana,
Ao desenhar um pavão,
Perdeu uma borrachinha
Que tinha perto da mão.

Pouco depois, Josézinho,
Andando ali a correr,
A tal borracha perdida
No solo conseguiu ver.



Porém, quando ia a entregá-la,
Este raciocínio fez:
Agora faço um vistão
Indo entregá-la... em francês.

Viu que «gome» era borracha,
Então nos dedos a toma
E diz assim, importante:
— Encontrei, agora, a «goma!»

OS QUATRO RIBALDOS (1)

MANUEL, um rústico aldeão, vivia pobre e passava os dias a apascentar um rebanho de carneirinhos mansos, na encosta da serra do seu povoado.

Certo dia, precisando de dinheiro para comprar um fato, resolveu matar um dos carneiros, esfóla-lo e levá-lo às costas, para o vender no mercado de uma terra distante.

Assim fez. Mas quatro ribaldos espertalhões, ao saberm da intenção do pobre pastor, combinaram-se e decidiram apanhar-lhe o carneiro.

Espaçados pelo caminho que conduzia à feira, cada um dos ribaldos o esperou. Quando passou o campónio, disse-lhe o primeiro:

— Para que levas êsse cão? Respondeu o pastor: — Estás enganado. E' carneiro, não é cão.

Mais adiante, o segundo perguntou:

— Que vais fazer a êsse cão? Respondeu novamente: — Enganas-te. Não é cão, é carneiro.

E sucedeu o mesmo com os outros dois ribaldos.

Então, o campónio, rude e simples, disse para consigo:

— Eu pensei que isto era

um carneiro; mas como todos dizem que é um cão, é porque deve ser cão. Não sei para que o quero, pois ninguém mo compra.

Depois de dizer estas palavras, lançou fóra o animal e foi para casa muito triste.



enquanto os quatro ribaldos, contentes pela boa-fé e parvoíce do camponês, apanharam o carneiro e o levaram, conforme queriam.

Moralidade:

Meus meninos — acautelai-vos!

Como os quatro velhacos, assim falam muitas pessoas — mentrosamente... e em proveito próprio.

(1) Velhacos, valdevinos.



A N E D O T A

O pai (mostrando, ao filhito mais velho, o irmão recém-nascido): — Olha Zéquinha, que tal te parece o teu novo irmãozinho que eu tinha encomendado e chegou agora?

O Zéquinha: — Ah! não tem cabelo! Oh! e não tem dentes! Intrujaram-te, pai, mandaram-te um, já velho!

PELO MUNDO FÓRA A DIVINHA

(PASSATEMPO)



Cada um destes quadradinhos numerados, representa uma vista bastante conhecida, quer para aqueles que têm viajado pelo mundo, quer para quem vê jornais e ilustrações onde elas vêm habitualmente reproduzidas.

Gostaríamos que os nossos leitores dissessem em que pontos do globo se encontram. A primeira, como võem, não há ninguém que a não conheça: é a torre Eiffel em Paris.

Quais serão as outras sete?



Peguem num lápis e vão traçando uma linha, a principiár no n.º 1 para o 2, depois para o 3 e, assim por aí fora, até chegarem ao n.º 25. Verão o desenho que lhes aparece e que, decerto, já calculam o que seja.

A N E D O T A S P E N S A M E N T O S C U R I O S I D A D E S

— Durante o jantar, o Josézito conservou-se tão calado que os pais, por fim, começaram a cismar o que é que estaria preocupando o filho, que tão pensativo se encontrava.

— Pai, — disse o rapaz, finalmente, — os professores das escolas são pagos?

— Está claro que são, meu filho, — respondeu o pai.

— Então não é justo, — exclamou o Josézito com indignação. — Porque é que os professores não-de ser pagos, quando nós, rapazes, é que temos o trabalho todo?

A amizade é um raio de sol que ilumina a vida.

Os filhos tornam-se, para seus pais, conforme a educação que recebem, uma recompensa ou um castigo.



UMA HABILIDADE

Torçam uma fôlha de papel de sêda, muito apertada, em feitiço de corda, e perguntem aos seus amiguinhos se são capazes de a rasgar ao meio. Eles vão logo experimentar, mas não conseguem. Querendo mostrar-lhes que não há nada mais fácil, pegam-lhe então e rasgam-na sem custo algum.

Para obter este resultado, molhem disfarçadamente o dedo polegar e deixem-no assentar, por momentos, no centro da corda, até o papel ficar húmido; torna-se em seguida facilímo rasgá-lo.

O mais pequeno macaco do mundo é o «yacchus penicillatus» que faz parte da grande família dos saguins, mas é de estatura tão pequena que ocupa lugar à parte entre êsses minúsculos quadrumanos. Não excede, em tamanho, um rato branco.

Como a maior parte dos seus congêneres, é originário da bacia do Amazonas na extremidade Norte do Brasil. Nas imensas florestas virgens que ainda cobrem aquela região, é que se encontram êsses graciosos animais que vivem em bandos de vinte e trinta. A sua extrema timidez é o seu melhor meio de defesa e fogem para os ramos altos das árvores ao menor ruído suspeito.

Na reedificação de Lisboa, após o terremoto de 1755, aconselhou-se que, as lojas ou baixos das casas, fôsem em abóbada para evitar os incêndios.

Foram duas crianças, brincando numa loja de oculista em Middleburgo, que descobriram o telescópio.

A tia: — Se não fizeres maldades, Zéquinha, dôu-te esta moeda nova e bonita de 20 centavos.

O sobrinho: — A tia não tem, antes, uma moeda velha e suja de 50 centavos?

— Diga lá, menino, as peles dos gatos têm alguma utilidade?

— Têm, sim, sr. professor.

— Então para que servem?

— Para os gatos andarem quentes.

O "MIMOSO"

O «Mimoso» é ainda um bonito cão «pêlo de arame», muito branco, de elegantes orelhas pretas, que parecem veludo e uma grande malha, também preta, a meio da cauda comprida e irrequieta.

Extremamente dedicado aos donos, tornou-se o companheiro inseparável e o amigo insubstituível das três crianças do casal: Filomena, Isabel e Virgílio, que os pais tratam por «Mena», «Mimi» e «Bêbê» — aliás com certo descontentamento dêste último, peiz de sete anos incompletos, mas com

deliciosas «saídas» de pessoa crescida.

E' exactamente uma dessas suas muitas atitudes, que eu desejo contar aos pequeninos leitores desta historieta verídica.

A Filomena e a Isabel não se zangarão comigo se disser que, umas vezes por outras, costumavam cair no feio pecado da preguiça, preferindo o convívio das bonecas a assiduidade no estudo, a mãe zangava-se e prometia castigos severos, os quais — diga-se de passagem — nunca foi necessário aplicar-lhes.

Ora, uma ocasião, por simples acaso,

foram surpreendidas as duas crianças nesta conversa animada:

— «Olha lá! Gostas muito de teatro?»

— «Nem por isso. Mas porquê?» —



disse, curiosamente, a endriabrada «Mimi», compoendo a cabeleira loira da sua boneca favorita.

— «Nada — respondeu a outra. — E' que não estudamos ainda a lição e a mamã está zangada. Como disse que ia hoje ao teatro com o papá, é capaz de nos castigar. Ralas-te?»

— «Eu? Quero lá saber! Gosto mais de ficar em casa, a brincar com o «Mimoso.» — E continuou a ajeitar os cabelos da boneca.

O «Bêbé» assistia à conversa, muito sério, sem dar palavara. Esteve mais algum tempo ao pé de ambas e, em seguida, voltou-lhes as costas, com certo ar superior. Foi estudar a lição do dia seguinte.

A tardinha, depois de uma demorada e misteriosa «conferência» entre o pequeno e a sua mãe, o «Bêbé» andava muito senhor de si, muito apurado, esfregando as mãos e olhando de soslaio para as irmãs. Chegou mesmo a dizer-lhes, quando pretendiam arrastá-lo para determinada brincadeira:

— «Hum!... Hum!... Vocês não querem estudar, mas não de vêr!... Hum!... Hum!... Suas mandrionas!...»

E afastou-se sem ligar importância ao espanto das irmãs, que acabaram por encolher os ombros e não fize-



ram mais caso da enigmática ameaça.

Nessa noite não foram ao teatro, como já esperavam. Mas, na manhã do outro dia, o caso mudou muito de figura, pois foram ambas chamadas pela mãe a capítulo especial. E que capítulo!

Tratava-se disto, em resumo: como os castigos até ali não tinham surtido efeito, ia ser-lhes aplicada a pena maior — uma pena terrível, verdadeiramente inconcebível para o espírito das duas crianças: a pena de lhes ser tirado o «Mimoso», de ser dado o cão a qualquer pessoa amiga, de ficarem privados para sempre da companhia do animal, se, para o futuro, elas não se mostrassem perfeitamente ajuiz-

zadas e modelares no aproveitamento dos estudos.

Pobre cão! Seria depois estimado e acarinhado como até ali?

Esta ameaça severa, gravíssima, de tal modo impressionou as duas amáveis crianças que daquele dia em diante, quando alguma delas mostrava poucas disposições para o trabalho escolar, logo a outra acudia, muito aflita:

— «Vat estudar! Toma cuidado! Olha que ficamos sem o «Mimoso!»...»

O «Bêbé» andava radiante, cheio de vaidade de ser já um «homem, como o papá.» Nunca lhes contou o segredo daquela conversa que tinha havido entre ele e sua mãe. Mas a ideia de lhes meter medo, de dar o animal, de lhes subtrair o amigo inseparável, se não tivessem juízo, se não estudassem, era dele, pertencia-lhe inteiramente. Só assim — porque sabia, por si próprio, que desgosto teriam — poderia obrigar as irmãszinhas a serem aplicadas, a não fazerem «ralar a mamã.»

Que grande triunfo! Agora, todos os três estudavam as lições em conjunto, a horas certas, quando o podiam fazer, com grande contentamento de seus pais e de algumas pessoas intimas da família, a quem mostravam orgulhosamente o cãozinho.

Meus pequeninos leitores: eis a história verdadeira, comovente e simples de três meninos bonitos e de um pequenino cão, chamado «Mimoso» — «pêlo de arame» muito branco, com orlhas pretas de veludo...

Z. de M. F.



SECÇÃO de PINTURA e ARTE APLICADA

METALOPLASTIA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

Queridas amiguinhas:

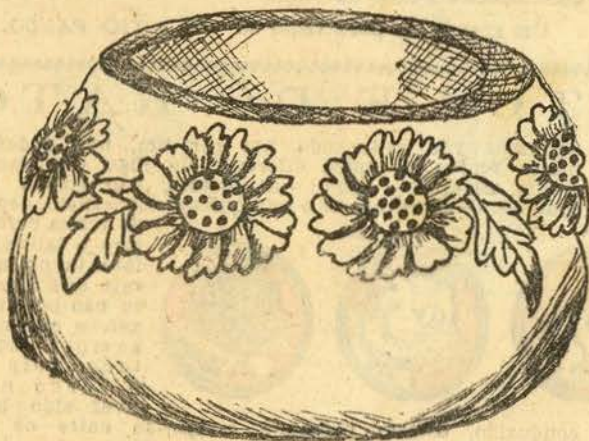
Apresento-vos, agora, um modelo de guarda-joias, em vidro fôcco, com aplicações de estanho. A este trabalho chama-se Metaloplastia e vou ensinar-vos a executá-lo.

Sobre uma superfície lisa, coloca-se o estanho, com o avesso voltado para cima, e sobre ele as flores que vos apresenta a gravura, depois de passadas para um papel.

Fixam-se as arestas com «punais» ou com uns pêsos. Com um ferro vincador, fazem-se em todo o desenho uns traços, não muito acentuados, da mesma forma como se se riscasse com um lápis.

Depois de todo o desenho contornado, levanta-se o estanho e coloca-se sobre uma placa de borracha. Então, com o ferro vincador calcam-se os traços do lado de fóra, para se baixarem. Faz-se, em seguida, com um modelador, o relevo, baixando ou levantando o estanho, conforme o gosto.

Depois enchem-se as cavidades com uma pasta feita de tinta plástica e cola forte (cola-metais). Cola-se, em seguida, um papel vegetal em volta do desenho, para a massa não cair. Com o vincador, pelo direito fazem-se as nervuras. Após o trabalho sêco, recorta-se o desenho e cola-se este ao guarda-joias, com cola-metais.



PARA OS MAIS PEQUENINOS

SER VALENTE

QUANDO, naquela tarde, o Tobias passou nas imediações do palácio real, viu grande ajuntamento. Se bem que levasse bastante pressa, pois já poucos minutos faltavam para a hora de entrada na oficina, aproximou-se do magote e viu aparecer um arauto, de vistosa libré, que, por um porta-voz, pedia a atenção do público.

Como não pudesse demorar-se mais, Tobias dirigiu-se à oficina. A' hora do almoço, o patrão, entabulando conversa com os operários, contou que el-rei resolvera dar um grande prémio àquele que soubesse dizer-lhe o que é ser valente.

Rindo, o dono da oficina afirmava: — «É' mais um concurso para entreter o povo. De vez em quando, el-rei tem destas manias. Toda a gente sabe

que ser valente é não ter receio de coisa alguma.»

El-rei Fagulha — assim se chamava o soberano, — por vezes aparecia com estas surpresas. E, como era esperto, queria que essas iniciativas revertessem a favor do Estado. Cada concorrente pagava uma «leca», moeda daquele país, que equivalia, pouco mais ou menos, ao nosso tostão. Esse dinheiro era destinado a obras de beneficência.

Para que os meus meninos calculem o entusiasmo que os concursos provocavam, basta dizer-lhes que, quem ganhasse, recebia um prémio enorme e uma corôa de louros.



— «Saiba Vossa Majestade que ser valente é atirar-se ao perigo sem o medir.»

— «Também não acertaste.» Milhares de pessoas foram, inutilmente, à presença do monarca...

Um domingo, Tobias estava almoçando, com os pais, na sua pobre casinha. Nisto, levou a mão à testa e, radiante, disse aos velhotes:

— «Vou ao palácio tentar a minha sorte. Talvez acerte com a resposta.»

E, no mesmo momento, o rapaz saiu, em direcção ao palácio.

El-rei recebeu o rapaz com agrado. Fez-lhe a pergunta:

— «Sabes o que é ser valente?»

Então, Tobias respondeu:

— «Real Majestade, ser valente é ter medo, mas conseguir dominar-se e avançar para o perigo.»

O soberano ficou boquiaberto. Era aquela, de facto, a resposta devida.

Escusado será dizer que o esperto Tobias recebeu o prémio e a corôa de louros, sendo o seu nome apregoado, aos quatro ventos, por todo aquele país.

Manuel Ferreira



Muita gente apareceu no palácio. El-rei Fagulha, com os seus ministros, presidia à sessão. O primeiro a apresentar-se foi um velho general que respondeu:

— «Ser valente é não ter medo, Real Senhor.»

— «Perdeste.» retorquiu o monarca, Venha outro concorrente.»

Era um doutor muito afamado pela sua vaidade. Respondeu, de pronto, com ares importantes:

Henriquinho: — «A bolinha mágica» não é edição de «Século» mas da livraria Portugália, da rua do Carmo, em Lisboa, para onde deves escrever, requisitando a obra.

André Gil: — Recebemos os contos que enviaste mas não os temos ainda. Se algum fór aproveitável, publicá-lo-hemos.

Alexandrina Vasques: — Podes mandar os problemas de palavras cruzadas que serão publicados, se vierem bem desenhados e a tinta da China.

Um grande chi para todos do TIO PAULO.

CORRESPONDÊNCIA

Zulmira Franco Martins: — Agradecemos a tua sugestão. Vamos tentar satisfazer, por completo, o teu desejo no próximo número.

Max Power: — O pedido de construção que nos fazes, não pode ser satisfeito, por falta de espaço. Não te esqueças que o «Pim-Pam-Pum» só tem 8 páginas.

O JOGO DOS GATOS E DO RATO

Instruções: O jogo, que hoje oferecemos aos nossos leitores mais pequeninos, é muito simples e bastante divertido. Joga-se como as damas, num taboleiro com o mesmo número de casas. As marcas que representam os gatos colocam-se nas casas pretas num dos extremos do taboleiro. A marca que representa o rato coloca-se em qualquer das casas pretas, últimas do lado oposto. O rato sai primeiro, avançando uma casa de cada vez ou recuando quando lhe convier.

Os gatos vão avançando um por um, não podendo nunca recuar. A única diferença do jogo das damas é que as pedras, isto é: — as marcas, não podem ser comidas. Os gatos vencem o rato quando conseguem, depois de terem percorrido o taboleiro, fazer tal cerco ao rato que este já se não pode mexer, o que nem sempre acontece, pois se o cerco não tiver sido bem conduzido, o rato consegue escapar-se entre os gatos.

